

A Espátula e a Frigideira

A mãe nunca prometeu que regressaria.

A algazarra da espátula a raspar na frigideira acordou Kati nessa manhã, tal como em todas as manhãs desde que tinha memória. O aroma já para não falar do fumo vindo do fogão e do aroma dos ovos estrelados estaladiços. Contudo, foi o barulho da espátula a bater na borda da frigideira que finalmente interrompeu o repouso de Kati e a despertou dos seus sonhos.

Kati nunca demorava muito tempo a lavar a cara e a vestir-se, e o avô costumava dizer por brincadeira que ela se limitava a acenar ao lavatório quando passava por lá a correr. A avó virou-se para olhar para a neta quando esta entrou na cozinha. A avó raramente lhe dirigia um sorriso ou um cumprimento. O avô dizia que os sorrisos da avó eram tão raros que deveriam ser entalados em conserva e exportados para o estrangeiro, como um produto da mais alta qualidade.

Com a ajuda duma colher, Kati deitou arroz numa taça de prata. Ao embalar a taça no colo, a brancura do arroz pareceu-lhe condizer com o fresco do ar matinal. O vapor quente elevava-se e parecia inundar-lhe o peito e o coração, que começou a bater mais depressa e mais forte à medida que ela se lançava numa corrida para o cais. O avô já se achava à sua espera a ler o jornal, como sempre. A seu lado, um tabuleiro com caril,

vegetais e peixe frito, cada um no respectivo saquinho de plástico limpo. Juntaram-lhe a taça de arroz fumegante de Kati, e a oferenda de mérito diária de ambos aos monges ficou completa.

Não tardaram a ouvir o barulho de remos a bater na água, e a proa dum barco apareceu na curva do canal. As vestes escarlates do venerável abade acrescentaram um toque de cor à manhã. O pupilo e sobrinho do abade, Tong, rasgou um sorriso, e o brilho dos seus dentes foi visível à distância. O avô comentou que Tong deveria juntar-se a uma trupe de actores e dedicar-se à comédia, tão contagioso era o seu sorriso. Os sorrisos de Tong vinham-lhe directamente do seu coração alegre, afloravam-lhe aos lábios e aos olhos radiosos, e propagavam-se em ondas como uma pedra atirada a um lago, afectando assim as pessoas à sua volta.

À sombra do grande baniano, o avô inclinou uma vasilha de bronze e verteu água no chão, completando a oferenda aos monges. À semelhança dum rio que flutua das montanhas até ao mar, a água simbolizava o mérito que eles tinham conquistado e que transmitiam aos entes queridos já falecidos. Kati acompanhou o avô nas suas preces e dirigiu uma oração silenciosa por que os seus desejos fossem atendidos.

Quando regressaram a casa, tinham o pequeno-almoço à sua espera. Todas as manhãs faziam uma lauta refeição. O avô comia os vegetais cozidos e condimentados com molho chili, deixando a Kati quase todos os vegetais refogados e o peixe frito. O avô evitava todo o género de alimentos fritos. Nas costas da avó, queixava-se de que a comida que ela fazia parecia que tinha sido envernizada e que um dia haveria de doar a frigideira e a espátula dela ao Exército para ser derretida e

transformada num canhão destinado a servir o rei e a pátria. Se a avó o ouvisse, faria uma algazarra tão grande com a sua espátula e a sua frigideira que seria um milagre se depois disso as duas ainda estivessem em condições de tornar a desempenhar a sua função.

A Marmita do Almoço

Kati estava sempre à espera da mãe.

Kati adorava a sua marmita de lata. O avô chamava-lhe o «comida-móvel» e, apesar de ser compacta, continha a quantidade de comida exacta para a deixar saciada. A avó não queria ver restos de comida a voltarem para casa e a estragarem-se, e conhecia na perfeição a capacidade do estômago da neta. A ementa que a avó fazia para o almoço nunca deixava de lhe agradar, composta como era pelo sempre saboroso manjeriço picado e galinha com chili e um ovo estrelado por cima, ou por ovos cozidos, dum tom de castanho intenso porque tinham passado a noite a marinar em molho da carne temperado com anis, ou por ovos estrelados estaladiços com o seu molho agridoce de tamarindo, ou por «ovos do genro»¹, ou por uma omeleta cremosa e aveludada cozinhada a vapor, ou então por ovos de codorniz envolvidos em massa e fritos. O avô dizia que Kati era «ovívora», pois, desde que a ementa do almoço incluisse ovos, nunca era preciso incentivar a neta a comer — ela nunca deixava uma migalha para amostra.

Todas as manhãs, a carrinha da escola vinha buscar Kati. O percurso das pequenas carrinhas abertas passava pela saída da

¹ Salada de ovos cozidos e em seguida fritos em óleo abundante, partidos em quartos e cobertos com um molho agridoce de tamarindo e chilotas fritas. (NT)

viela que conduzia a casa da família. O avô dava-lhe boleia na sua bicicleta até à paragem da carrinha. Kati gostava de andar bem agarrada às costas do avô. Gostava do aroma da água-de-colónia que vinha num frasco com um veleiro. Gostava da leve brisa que lhe secava a transpiração. A carrinha chegava apinhada de crianças porque parava muito próximo da escola, e o avô gritava aos passageiros para que se desviassem e arranjassem espaço para Kati e recomendava ao tio Loh que conduzisse devagar e não se pusesse aos solavancos. «Tu estás a levá-los para a escola, não estás a competir num grande prémio qualquer, por isso vê lá se não acabas por atirá-los pela traseira fora», admoestava-o o avô, mas o tio Loh limitava-se a soltar uma gargalhada.

As crianças deixavam as marmitas do almoço no refeitório antes de irem guardar as pastas na sala de aula. As marmitas ficavam todas juntas, grandes e pequenas, altas e baixas, de todas as cores e mais alguma. O mais provável seria conversarem a respeito da refeição que cada uma continha: se era saborosa e condimentada, quem a cozinhara e se lá deitara o arroz com carinho ou por mera obrigação. Conteriam elas apenas restos suficientes para encher a barriga do proprietário ou a mais deliciosa das receitas duma banca do mercado tão popular que o dono não tinha mãos a medir a distribuí-la por entre a clientela? Algumas marmitas tinham a borda pegajosa, ainda por lavar da véspera. Outras traziam formigas agarradas. Outras ainda estavam maltratadas e amolgadas porque já tinham passado pelas mãos de muitos donos. Por fim, as marmitas do almoço acabariam provavelmente a segredar acerca duma certa marmita muito vistosa e se ela iria aparecer por ali a pavonear-se, como era seu hábito.

Vistoso era o automóvel com ar condicionado que a vinha esperar à porta da escola. Vistosa era a marmita do almoço trazida por uma criada vestida com uma farda como as da criação das famílias aristocráticas. Vistosos eram os desenhos gravados em relevo daquela marmita, que, quando se abria, revelava arroz muito quente, caldo de carne límpido e fumegante e pratos exóticos que as outras marmitas desconheciam, porque nunca tinham oportunidade de conversar a esse respeito com a marmita vistosa. Ela só chegava à escola mesmo antes do intervalo para o almoço e era rapidamente levada embora ao início da primeira aula da tarde.

A campainha da escola tocou para o almoço. Kati fez uma corrida com os amigos escada abaixo e passou por Tong, que se vinha a aproximar em sentido contrário. Tong era três anos mais velho que Kati e frequentava o sétimo ano. Sorriu-lhe ao passar por ela, a caminho de casa, no templo. Tong contara-lhe que ao almoço tinha à sua espera um autêntico bufete das várias oferendas que as pessoas faziam aos monges.

Nessa tarde, quando Kati regressou a casa da escola, lavou a marmita do almoço e colocou as diversas peças a escorrer numa bacia da cozinha. Mais tarde, ao anoitecer, iria secá-las e dispô-las junto ao fogão, a jeito para a avó na manhã seguinte. Talvez durante a noite a marmita do almoço entabulasse conversa com o fogão a fim de preencher aquelas horas solitárias, perguntando-lhe como era que a avó passava os dias e se fazia mais alguma coisa para além de se zangar com o avô.